

MENINOS, EU FIZ...

Cineas Santos

Minicurrículo

Professor, bacharel em Direito, editor e produtor cultural. Dirige a “Oficina da Palavra” e coordena o grupo “Cara Alegre do Piauí”. É autor dos livros “Miudezas em geral” (poemas); “Nada além e pétalas” (poemas); “As despesas do envelhecer” (crônicas); “Cacos de mim” (crônicas); “O menino que descobriu as palavras” e “Ciranda desafinada” (infantis); “Dona Purcina – a matriarca dos loucos” (biografia).

e-mail: cineasantos@gmail.com

Quando iniciei minha atividade profissional, no início da década de 70, duas coisas me incomodavam muito: a inexistência do ensino de literatura piauiense nas escolas e o desprezo, quase absoluto, pela questão ecológica. Como sou um fazedor, convidei o poeta Paulo Machado a editar comigo uma coletânea de poemas de autores piauienses. Em pouco mais de uma semana, o livrinho “Ciranda”, com bela capa de Hardi Filho, estava sendo rodado pelo velho Leitão num mimeógrafo do Colégio Andreas. Apesar de a capa ter sido colada com “grude”, o livreto ficou bonito. A partir daquela experiência artesanal, editei todos os autores piauienses de expressão.

Para o lançamento do livro, organizamos um show-protesto, com a participação de poetisas, músicos, fotógrafos e atores. Nome do espetáculo: “Cenas piauienses – o Rio”. Protestávamos contra o descaso com que se tratava o Parnaíba. Para dar mais consistência ao protesto, entrevistamos dois professores recém-chegados ao Piauí: Dumbra, de saudosa memória, e Waldemar Rodrigues. Ouvimos também Mano Velho, o decano dos barqueiros do Parnaíba. O show foi um sucesso de público, mas a imprensa graúda e os acadêmicos nos bateram com força: “inconsequentes”, “alarmistas”, “irresponsáveis” e outros mimos do gênero.

Em 1981, lançamos, na Praça Pedro II, o “Primeiro manifesto ecológico do Piauí”. Reunimos professores, alunos, poetisas, músicos, pessoas do povo. Apanhamos um pouco mais. Desta feita, fomos promovidos a “ecobobos”. À época, o que se discutia era a navegabilidade do Parnaíba e não sua sobrevivência. O lema

era: “o Piauí precisa recuperar o tempo perdido”. Os ecologistas, naturalmente, eram um estorvo.

Em 1983, lancei o folheto “ABC da ecologia”, tentativa de usar o cordel como instrumento para veicular noções de ecologia. O livrinho fez um sucesso danado entre os jovens. As edições se sucederam aqui e em outras praças. O Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) chegou a editá-lo, nacionalmente, num calendário. Trinta anos depois da primeira edição, “O ABC...”, vestido de gala, em edição da IMEPH, volta ao Piauí em grande estilo. Não bastasse a roupagem elegante, a nova edição traz verbetes com animais ameaçados de extinção. Agora, além da mensagem poética, o leitor terá informações científicas.

Hoje, a palavra ecologia, de tão desgastada, já não diz muito. A nova panaceia é “desenvolvimento sustentável”, uma falácia. Não tenho ilusão: os estragos causados na Terra são irreversíveis. O meu folheto não pretendia nem pretende “salvar o Planeta”. Com um pouco de sorte, poderá ajudar a salvar meia dúzia de mangueiras dos quintais de Teresina. Pode parecer pouco, mas, para um cidadão com o meu perfil, é o bastante. “Estrada longa, passos curtos”. Nada além.